

## O COLÉGIO ALFREDO DANTAS, OS DISCURSOS EDUCACIONAIS E A REDE DE SOCIABILIDADES EM CAMPINA GRANDE/PB (1931-1975)

Maria Letícia Costa Vieira\*  
Vivian Galdino De Andrade\*\*

### Introdução

O Colégio Alfredo Dantas (CAD) é uma instituição escolar privada, situada na cidade de Campina Grande/PB, que possui mais de 100 anos. Por ele passou, ao longo de sua existência, gerações de intelectuais que tinham voz ativa nas reflexões que surgiam em torno da educação na cidade.

Sediado no coração da cidade, desde os anos de 1930, o CAD funciona em um prédio robusto na rua Marquês do Herval- n°39<sup>120</sup>. Com dois leões dourados na fachada, símbolos da instituição presentes desde o primeiro prédio que sediava o colégio, essas representações foram gravadas em seu fardamento, e se inscrevem como monumentos da cidade. Ao redor do seu corpo físico, ficam prédios antigos e a conhecida praça do Calçadão da Cardoso Vieira<sup>121</sup>, espaços de sociabilidade, que também marcam a história da cidade.

Um verdadeiro monumento, que nos fez nutrir como objetivo, para este artigo, apresentar a escola e a força de sua representação nos discursos proferidos por intelectuais locais, apontando seus impactos sobre a urbe. Para tanto, partimos do escopo teórico da História da Educação e da História Cultural para discutir as ideias e as redes de sociabilidades

---

\* Professora Mestre pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

\*\* Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB\Campus III). Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH / UFCG).

<sup>120</sup> Antiga sede do Grêmio de Instrução Campinense, onde passou a funcionar, além dos cursos já existentes, a Escola de Instrução Militar, n° 243, incorporada ao Tiro de Guerra Nacional. (Fonte: acervo Colégio Alfredo Dantas).

<sup>121</sup> O Calçadão foi criado na Rua Cardoso Vieira, entre as ruas Venâncio Neiva e Marquês de Herval, em 1975. Após passar por uma reforma, quando foi ampliado duas vezes, o local voltou a ser reduzido para o tamanho original na década de 1990. (Fonte: <https://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/cg-150-anos-o-calçadão-da-cardoso.html#.Yalpt9DMLIU>).

engendradas pelos discursos dos professores Alfredo Dantas, Manoel Almeida Barreto e Severino Loureiro, que fundamentavam os debates educacionais em Campina Grande ao longo dos anos de 1931 a 1975.

Através das contribuições metodológicas proporcionadas pela análise do discurso da *Revista Evolução* (1931), e dos jornais *Jornal 'Brasil Novo'* (1931), *'Comércio de Campina'* (1932) e *'Evolução Jornal'* (1934), bem como da análise de correspondências encontradas no arquivo escolar (referente aos anos 1936 a 1956), apresentamos uma rede de sociabilidade que se construiu por meio do colégio, e que direcionava a trajetória intelectual desses docentes, bem como de seus discursos para o desenvolvimento da educação da sociedade campinense.

### **O Instituto Pedagógico e os discursos educacionais do Tenente Alfredo Dantas e de Manoel Almeida Barreto<sup>122</sup>**

O Instituto Pedagógico nasceu em Campina Grande/PB no ano de 1919, como a primeira escola particular da cidade a ser referenciada com “uma modernidade pedagógica”, alfabetizando e profissionalizando os sujeitos. Em 1942, após ter sido vendido ao professor Severino Loureiro, o Instituto passa a se chamar Ginásio Alfredo Dantas, em homenagem ao seu fundador. No ano de 1950 ele recebeu seu atual nome, de Colégio Alfredo Dantas.

Como Instituto Pedagógico, teve como diretor o tenente Alfredo Dantas e funcionou em nível primário e secundário, mas também com a contribuição das Escolas Anexas (Escola Normal João Pessoa, Escola Militar General Pamplona e Escola de Comércio e Peritos Contadores) que tinham como princípio norteador educar os cidadãos para suprir as necessidades econômicas e comerciais que surgiam na cidade.

Discutir essa instituição é também refletir sobre a postura e atuação de dois educadores em Campina Grande, ‘Alfredo Dantas’ e ‘Manoel Almeida Barreto’. Esses professores e intelectuais atuaram na direção de dois impressos escolares, a *Revista Evolução* e o *Jornal Comercio de Campina*, ambos de grande circulação local. O primeiro gênero jornalístico voltado ao público mais professoral e juvenil, trazendo questões pedagógicas anunciadas por docentes, médicos e inspetores/as. O segundo era um “Órgão de interesses sociais” (*Jornal Comercio de Campina*, Nº1, Ano I, 19 de março de 1932), que tinha no próprio nome o seu programa de discussão. Ambos os periódicos são tomados como um “[...]‘corpus documental’ de inúmeras

---

<sup>122</sup> Parte desse debate foi publicado no *Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES*, no ano de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/12833/8892>.

dimensões, pois consolida-se como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período” (CARVALHO *et al.*, 2002, p.72). Por eles, podemos ter a compreensão de parte de um processo histórico educacional vivenciado em Campina Grande, que edificou concepções educacionais para além do espaço institucional da escola.

O Instituto Pedagógico e a cidade de Campina Grande cresceram sob os olhares atentos desses dois homens, produtores dos impressos que como “mediadores” souberam construir para urbes cidadãos aptos à pátria. Ambos eram “forasteiros”, que sonhavam em construir uma vida promissora em Campina Grande. Alfredo Dantas Correia de Goes nasceu em Teixeira (PB) em 17 de novembro de 1870. Era filho do Dr. Manoel Dantas Correia de Goes, presidente interino da Paraíba em 1889. Casou-se com Ana de Azevedo Dantas, mais conhecida como ‘Dona Yayá’. Fundador e diretor do Instituto Pedagógico era tenente do exército, uma figura educacional emblemática, noticiado pelos impressos escolares jornalísticos como “de porte altivo, patriarca dos valores bíblicos” (Leônia Leão, Acervo do Colégio Alfredo Dantas, 1969). Foi ex-aluno da Escola Militar do Ceará, durante os anos de 1889 a 1897, levando para a vida de educador os princípios militares.

Portador de duas funções que adquiriam sentidos importantes no contexto da época, o tenente não deixava de ser um visionário, que desejava transformar o Instituto Pedagógico em “[...] um educandário modelar, com uma escola normal bem arregimentada, como a da capital, pela qual se molda rigorosamente [...]” (*Revista Evolução*, Ano 1, N°3, 1931, p.7). Essa obra de vida<sup>123</sup>, “[...] tão simpática aos olhos da Pátria” (Idem) se firmou como um compromisso público com a cidade, representando a responsabilidade de consolidar um espaço adequado para a educação e formação profissional da mocidade campinense. Nas produções discentes existentes nos impressos pesquisados inúmeras foram as demonstrações de forte expressão e afeição à pessoa do tenente e às atividades que ele realizava pela escola e pela cidade:

*Passou, a 17 do corrente ano, a data natalícia do nosso diretor, Tenente Alfredo Dantas, cidadão, por muitos títulos, digno de nossa veneração e estima. Manda a justiça que lhe dediquemos esta primeira página da revista. Sabemos o seu feito moral não lhe permite manifestação desta ordem. Seu espírito não sofre, sem protestos, as referencias que agora achamos oportuno fazer a sua pessoa austera e visivelmente modesta. Mas, nem sempre são inquinados de irreverencia os súditos, quando o chefe tem de ser intimado ao silencio, para uma homenagem de grato respeito e culto familiar (*Revista Evolução*, Ano 1, N°3, 1931, p.5)*

---

<sup>123</sup> Em entrevista a Ronaldo Dinoá (1993, p.249), Esther de Azevedo narra que o Instituto Pedagógico era a obra da vida do tenente, e que sua maior alegria foi quando a escola foi reconhecida e equiparada ao Colégio Pedro II.

Poucas foram as publicações encontradas nos periódicos pesquisados que recebiam a assinatura direta do tenente Alfredo Dantas, mas sua presença se fazia enfática em todos os impressos escolares confeccionados pela instituição. Em uma das publicações encontradas, estão as cobranças de mensalidades:

*O fato de ser educandário constituído de escolas semi-oficiaes ou equiparada, não constitue patrimônio publico. De propriedade e direção particular, é mantido com sacrificio supremo, sem mercantilização do "Ensino". Isto, porem, não quer dizer que a abnegação e desprendimento do seu proprietario, dê ensejo a explorações. As docentes das diversas disciplinas do estabelecimento não são pagas pelo governo. [...] o numerário adquirido não teve origem na ESCOLA PÚBLICA, nem o terreno de sua construção, nas DOAÇÕES TERRITORIAIS, DA MULHER RICAÇA E DECREPITA. Fazendo as considerações acima, lanço um apelo aos pais retardatários nos pagamentos de matricula dos seus filhos, chamando a atenção dos que ainda não cumpriram os deveres impostos pelas leis sociais, artigos instituidos em regulamento interno do Instituto em apreço. [...] (Alfredo Dantas. Jornal Comercio de Campina, 20 de junho de 1932)*

As palavras destacadas no texto, e de teor pejorativo, constam na forma original do documento e demarcam significativamente a indignação do tenente quanto à negligência dos pais em pagar a escola. Com ênfase, ele aponta que a instituição não poderia ser confundida com uma escola filantrópica. De todo modo, não deixa de ser o tenente um militar/educador que estimulou em seus discentes uma fé irrestrita para com a pátria e com o progresso que ela almejava instituir, assumindo o papel de reorganizador da sociedade campinense, a partir das novas configurações dadas ao ambiente escolar.

Manoel Almeida Barreto, por sua vez, nasceu no Rio Grande do Norte. Foi esposo de Maria Nazareth Barreto, também professora e inspetora do Instituto Pedagógico. Exerceu funções políticas, atuando como secretário do governo de Vergniaud Wanderley em 1936. Era redator chefe da *Revista Evolução* e era responsável, junto com o tenente Alfredo Dantas, pela redação do jornal *Comercio de Campina*. Ex-sacerdote e maçom, Almeida Barreto se destacava nos noticiários locais pelo trato com as palavras e pela lisura dos costumes (PIMENTEL, 2001)<sup>124</sup>. Professor de francês no Instituto Pedagógico desde sua fundação até os primeiros anos do Ginásio Alfredo Dantas, em 1945, Barreto foi também diretor do Ginásio Campinense (uma escola particular que funcionava com curso primário e ensino de datilografia) e da Escola Gratuita José Peixoto (mantida pela Sociedade Deus e Caridade). Colunista do *Jornal Brasil*

---

<sup>124</sup> Cristino Pimentel (2001, p.123) dedica a ele um capítulo de seu livro, intitulado "Uma grande alma".

Novo<sup>125</sup>, Almeida Barreto defende causas como a finalidade vital da Escola Particular e sua participação na função de salvar/renovar o Brasil pela educação:

*Eis uma questão muito debatida e ainda não solucionada. [...] Não é de crer que se consiga alfabetizar o Brasil do dia para a noite: - há o factor tempo e o econômico. [...] A Escola há de salvar o Brasil; meus vinte e quatro annos de mestre-escola não serão jamais inúteis ao lado de outros que não deixam se apagar o fogo sagrado da lareira da Patria. [...] Podemos dizer que os particulares muito têm cooperado neste sentido. Consoante estatística, ha no Brasil approximadamente 514.678 alumnos que freqüentam escolas particulares, de 8 a 11 annos. E conforme o critério demographico, se a população do Brasil se avalia em 40 milhões de habitantes, e quasi sempre a sua população em idade escolar é de 20%, teremos uma população de 8 milhões de creanças carecendo de escolas. Ah! Quando teremos de ver ao menos três quartos da população escolar brasileira marchando para os institutos de educação como rumeiros (sic) luz do civismo? Um defeito há que é muito lastimado: - a preocupação de copiar o que há de melhor nos Estados Unidos, ou na Suissa e na soberba Alemanha pra introduzir nas reformas que se fazem no Brasil. Ora, a educação integral não será para nossos dias. Um paiz pobre, como o nosso, não comporta o custeio onerosissimo de institutos modernos como so a de haver nos paizes supercivilizados (M. de Almeida Barreto. Jornal Brasil Novo. 21 de fevereiro de 1931. N°7, p.1) (Grifos nossos)*

O trabalho docente e a missão de educar/civilizar eram temas recorrentes nas colunas produzidas por Manoel Almeida Barreto também na Revista Evolução. Nela, ele comenta sobre os dissabores do magistério: “[...] Poeta e Professor!... é muito peso para o cerebro de um mortal” (Revista Evolução, Ano I, N°5, 1932, p.21) e ainda “[...] purgando os seus pecadilhos em retirar do chão analfabetico almas novas para as esferas azúes da vida” (Idem, N°6, 1932, p.4). Além de uma atividade “plasmadora e cívica”, era o magistério um trabalho difícil de executar, uma vez que à escola era dada a responsabilidade de salvar o Brasil. No artigo “A renovação do Brasil pela Escola”, Almeida Barreto enfatizava a carência do país quanto à existência de escolas e hospitais, curas essenciais dos males que assolavam a população brasileira, que seriam a doença e a ignorância.

*[...] Não temos cidadãos limpos de coração, se não raros exemplos, aparecendo no Paul do vale, como uma flor de lótus. A maioria sem instrução, uma terça parte sem educação civica, ainda que ilustrada. Referimos-nos a costumes políticos. Mal saímos do regime de ficções democráticas, vivemos a braços sem poder organizar o novo, pelos embaraços que se nos antolham. Veem á tona as turpitudes da vida publica. De um lado, os suntuosos mendigos do erário publico. Do outro, mendigos de verdade. Uns por corrupção, outros por incapacidade intelectual. [...] Com o povo que temos, a Republica é essa, de hontem, como hoje. [...] Gente sem patria e patria sem gente é quasi o que somos para formar uma republiqueta nos vastos domínios da America do Sul. [...] E vós, professores, plasmadores do Brasil de amanhã, obreiros obscuros desse corpo opaco-*

---

<sup>125</sup> O Jornal *Brasil Novo* circulou pela primeira vez em 10 de janeiro de 1931. Seu próprio nome anunciava a apologia ao governo revolucionário instituído em 1930. Segundo o jornal *Comercio de Campina* ele funcionou apenas por um ano na cidade.



*massa, falida em unha dos ferozes síndicos políticos, deveis ser os limpos de coração para não contagiar os alvinetes pioneiros do porvir: [...] (M. de Almeida Barreto. Jornal Comercio de Campina, 30 de julho de 1932) (Grifos nossos)*

Endossando essa defesa da escola, Alfredo Dantas e Almeida Barreto contribuíram com a criação da ‘Associação de Professores de Campina Grande’. Não encontramos mais detalhes sobre essa instituição, mas claro ficou que o apoio desses intelectuais às causas dos docentes parecia revelar que a sua atuação ia para além dos muros da escola. Nos periódicos por nós consultados, grandes eram os esforços de promover o Instituto Pedagógico, mais também na confecção de matérias de cunho educacional e comercial, que os tornava referência nessas questões em Campina Grande e arredores. No cinquentenário da instituição, foram assim lembrados:

*Alfredo Dantas, vestido geralmente de branco. Alfredo Dantas, compreensível, amável e bom. Alfredo Dantas que também pegava o sujeitinho pela orelha e, levando-o à Diretoria, fazia-o passar maus momentos e verter lágrimas de vergonha e de arrependimento. Alfredo Dantas, o ancião que pautava a sua vida de acordo com os patriarcas da Bíblia Sagrada! Evangélico, constituiu um paradigma de honradez e grandeza moral.*

(...)

*Professor Almeida Barreto iniciando as aulas sempre com a mesma piada: - Meninos, quem de vocês sabe conjugar o presente indicativo do verbo “colorir”? Pois bem. É assim: eu com o louro, tu com a maroca, ele com o papagaio, e, tudo isso entremeado de citações clássicas em latim. Outras vezes, intercalando o diálogo com palavras francesas: Français est très chic, mona mi. [...] (Leônia Leão. Novembro de 1969, Acervo do Colégio Alfredo Dantas)*

Como protagonistas das ideias de construção de um esboço de educação para Campina Grande, esses professores são aqui pensados como intelectuais, elaboradores de uma finalidade educacional para as escolas campinenses, voltada para o engrandecimento da pátria a partir da formação de cidadãos locais.

### **Professor Severino Loureiro: entre políticos e religiosos**

Neste tópico trabalhamos em função de entender quem foi o Professor Severino Loureiro em sua jornada enquanto professor, gestor e intelectual, dentro dos espaços de educabilidade que o mesmo frequentou, como foi construída sua identidade profissional e como foram formados seus ideais de educação.

Treze foram as instituições educativas catalogadas em nossa pesquisa. Em cinco delas, o Professor Severino Loureiro atuou fundando instituições e em seis desempenhou função de gestor ou inspetor, lecionando em quase todas elas. Desde seus primeiros anos de formação

normalista o professor se propôs a educar os sujeitos paraibanos atravessando todo o Estado em prol desse ideal.

Finaliza sua jornada na docência como proprietário do CAD, permanecendo a frente da instituição até os anos de 1975 de forma ativa. Foi lá em que ele permaneceu a maior parte do tempo enquanto diretor e professor, para além de dono da instituição. Era como se ele almejasse ficar naquele espaço, encerrando sua atuação como docente em prol de Campina Grande.

O professor Loureiro se destaca por assumir o processo educacional como missão, se autodenominava missionário do conhecimento, conseguindo atingir diversos espaços sociais através das suas amizades e trocas de favores dentro do campo educacional, como por exemplo a concessão de bolsas de estudos em troca de maiores verbas governamentais, além da sua identificação natural com as vias da educação. Assume assim, as características de um intelectual, segundo Vieira (2015), por mobilizar suas redes de sociabilidades e sua concepção de educação em favor dos seus alunos e das instituições que fez parte.

Seus pensamentos a respeito da educação o fizeram intelectual, seus atos se encaixavam diretamente com os ideais políticos e educacionais da época, em todas as cenas que passou, era o modelo vivo de coerência com o projeto civilizador e modernizador, como Prado (2000) enfatiza, a classe denominada intelectual faz parte de um grupo de sujeitos interessados ideologicamente, politicamente e economicamente a partir dos seus lugares sociais, no caso do Professor Loureiro, seu lugar social desde jovem foi a campo da educação.

Sua influência e participação na cena educacional paraibana nesse contexto foi o diferencial em sua trajetória, a rede de pessoas que Severino Loureiro cativou faz parte de um grupo seletivo de sujeitos, que buscaram reformar a cidade através da idealização de novas práticas, projetos, trocas e coleguismos.

Dentre esses sujeitos, estava o Professor Loureiro, junto aos seus amigos da juventude que tornaram-se representantes políticos do Estado, tais como o Deputado Ruy Carneiro e o Governador Argemiro de Figueiredo, atrelado a cena dos representantes da Igreja Católica como D. José, vigário e amigo de longas datas e que teve papel preponderante nos caminhos trilhados pelo professor, assim como outros membros diocesanos de Campina Grande. Encaminhou seus projetos e ideias conectando-se a essas duas vertentes e constituindo uma verdadeira rede intelectual que perdurou todo o seu percurso e atravessou sua vida.

O conceito de rede de sociabilidade se inicia, muitas vezes, a partir de uma relação de amizade. Mas, também lida com jogos de interesses, intrigas, afetos e desafetos, atravessando a vida de intelectuais, políticos e religiosos quando dialogam em prol de algo maior ou rentável. Seria justamente o que menciona Malatian (2011) quando cita que o público e o privado se entrelaçam, é através das correspondências que conseguimos chegar mais próximo desse entrelaçamento:

*Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispensa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva (MALATIAN, 2011, p. 200).*

Ao espiar por essa fresta as trocas de Severino Loureiro e seus amigos políticos e religiosos tivemos acesso as suas dimensões políticas, seus apelos e singularidades. O tema da amizade fornece elementos para pensar as redes de sociabilidades intelectuais do Professor e como ela nos apresenta os responsáveis por gestar sua identidade pessoal e profissional. Tais relações de amizade se apresentam como ferramentas que impulsionaram as ações no universo da educação, as redes que foram construídas por eles, seus trâmites e conversações estavam direcionadas para melhor favorecer a comunidade campinense, oferecendo bolsas de estudo, resolvendo questões políticas no coleguismo e se firmando na cena. Dentro desses diálogos estavam envolvidas múltiplas questões,

*Ali se estabelece uma geografia dos lugares ocupados pelos participantes e os afetos entre eles (amizades/hostilidades), as trocas intelectuais, as rivalidades, os conchavos estabelecidos em torno de ideias, obras, cargos e posições, inclusive as institucionais (como academias, revistas, jornais, editoras) (MALATIAN, 2011, p. 209).*

Dentro dessa geografia dos lugares chegamos a nos questionar se seriam realmente amizades, ou estavam sendo nutridas pelas prestações de favores e investidas intencionais. Professor Severino se posicionou a partir de três lugares; o educacional, o político e o religioso, por vezes fazendo contato com rivais partidários e se mantendo amigos de ambos. Observamos que existiam amizades desde o colegial, como nas cartas com o Governador Argemiro de Figueiredo, sempre iniciadas em tom de coleguismo e fraternidade, mas, não fugiam do contato para um favor. Isso ocorreu com os outros personagens que encontramos nas correspondências, espaço de troca e confiança, entendendo que “[...] o espaço se faz presente no interior das cartas para fabricar um imaginário e exprimir relações com pessoas ou grupos numa dada circunstância” (MALATIAN, 2011, p. 207).



Nas correspondências os contatos feitos com os políticos se referem a mudanças na educação e na cidade, a atividades de apoio político e narrativas em prol de ajuda para o campo educacional, ofertando bolsas de estudo e dando assistência aos alunos com baixo poder aquisitivo. Nos arquivos do Colégio Alfredo Dantas, encontramos uma carta- resposta do então governador Argemiro de Figueiredo,

*João Pessoa, 16 de Outubro de 1936.*

*Presado amigo Loureiro:*

*Está em meu poder sua carta de 7 do corrente que muito me desvaneceu.*

*Não esperava de V., creia-me sinceramente, outra attitude em face da campanha movida contra mim, em Campina, por certos elementos tidos como catholicos que tiveram interesses individuaes contrariados pelo meu Governo.*

*Agradecendo as suas expressões de apoio e confiança na minha acção governamental, sou*

*Seu correligionário e amigo certo*

*Argemiro de Figueiredo (Assinatura a punho).*

*(Correspondência do então Governador Argemiro de Figueiredo, datada de 1936, encontrada no Acervo do CAD).*

Argemiro de Figueiredo era advogado por formação, foi governador da Paraíba entre os anos de 1935 a 1940, nos anos seguintes ocupou os cargos de Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual representando o Estado da Paraíba em ambos. Essa carta nos conta sobre a relação de amizade do Professor Loureiro e o então governador, mas, acaba nos levando à cena em que o professor possivelmente tenha se declarado a favor do amigo Argemiro, mesmo com membros da Igreja Católica indo em oposição ao Governo, tal detalhe merece destaque, levando em consideração a forte relação do professor com as vertentes católicas em toda sua trajetória, firmando o que aponta Oliveira e Vieira (2021, p. 5) “Compreende-se que as redes de sociabilidades se fazem enquanto teia que ao mesmo tempo que se molda pelo meio também interfere na formação das identidades desses sujeitos”. A relação de troca de favores a partir das correspondências tona-se evidente, como veremos

*Loureiro*

*Abraços*

*A portadora da presente é minha afilhada Joselita Rodrigues, cuja família é pobre e a quem muito desejo ser útil. Permita que lhe solicite, para ela, o ensino gratuito.*

*Asseguro-lhe, professor, que no próximo orçamento, aumentarei visivelmente a ajuda a seu Colégio, de modo que essas assistências a estudantes pobres que venho pedindo não lhe pesem muito.*

*Argemiro de Figueiredo 22-2-55 (Correspondência do então Governador Argemiro de Figueiredo, datada de 1955, encontrada no Acervo do CAD).*

Em tal correspondência, Argemiro de Figueiredo expressa o pedido de uma bolsa de estudos para sua afilhada que, como ressalta, vem de família pobre, e solicita ao professor Loureiro, em nome da relação que existe entre eles, que essa vaga lhe seja ofertada. Na escrita da carta, o discurso do remetente transparece que esse tipo de favor é comum, tendo em vista que garante um aumento no orçamento financeiro do CAD, nas possíveis subvenções ofertadas pelo governo a quem não poderia custear. As cartas nos norteiam para “sobretudo, tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época” (SIRINELLI, 2003, p. 261).

O ato de manter contato a partir de correspondências é um detalhe que marca a vida de muitos intelectuais na história, pois elas comportam diferentes trocas de favores, rupturas, coleguismos, como afirma “Pode-se detectar por meio dela as intrincadas redes de relações sociais que reúnem os seus autores” (MALATIAN, 2011, p. 208).

O privado, o íntimo, os traços na escrita à mão<sup>126</sup>, as solicitações, são perspectivas que ficam registradas nas cartas, nos recados, nos bilhetes, “O sentido nunca se recupera, o sentido se libera, se produz, se constrói, se atribui” (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 20), dando visibilidade às relações entre os intelectuais e sua rede de sociabilidade, além de nos levar a compreender que

*[...] todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar (OLIVEIRA et al., 2017, p.89).*

A vontade e o gosto de conviver do Professor Loureiro e Argemiro de Figueiredo estava atrelada a uma cena em comum discussão, a cena educacional. Existem vários registros epistolares que comprovam que o professor e o governador estabeleceram por longos anos um acordo para que o CAD aceitasse discentes com baixo poder aquisitivo e em troca, o colégio recebia maior orçamento do governo. Novamente encontramos Argemiro solicitando educação gratuita

*Meu caro Loureiro*

*Abraços*

*Permita ao velho e caro amigo solicitar sua generosa atenção para mais um pedido que lhe trarei, ao certo, alguns aborrecimentos.*

---

<sup>126</sup> Veja anexo no II, página 142.

*Desejava que você admitisse, gratuitamente, no seu Colégio, o filho da prestadora, D. Ester, minha distinta amiga, a quem estimaria ser útil nesta oportunidade.*

*Agradecerei, sensibilizado, a atenção que me despuser.*

*Velho amigo*

*Argemiro de Figueiredo 29-1-56 (Correspondência do então Governador Argemiro de Figueiredo, datada de 1956, encontrada no Acervo do CAD).*

Dentro do arquivo do Colégio Alfredo Dantas, observando os papéis antigos, as pastas e cadernos de fotografias e correspondências, notamos a recorrente troca epistolar que existia entre o Governador e o Professor, e que pode representar para além de amizade, como já elucidado, um acordo político, uma forma de ambos saírem em vantagem. Argemiro conseguindo bolsas de estudo e o professor conseguindo maior financiamento do governo para o educandário. Entendendo que

*A carta é uma partilha não somente porque ela pertence a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos, no momento mesmo de sua escrita. Esses correspondentes são nomeados diretamente, outros são insinuados, porém todos configuram uma rede de sociabilidade em que a carta é, muitas vezes, o único registro. Assim, a carta pertence também aos que partilham dela como fonte de pesquisa (OLIVEIRA et al., 2017, p. 101-102).*

A partilha, como Oliveira (et al., 2017) afirma na citação anterior, envolve correspondentes indiretos que acabam auxiliando no movimento de decodificação e descoberta sobre para quem são os pedidos de favor que na carta estão inscritos. Outrossim, o correspondente direto do professor Severino Loureiro era um forte representante político da época. Sua amizade com o Professor Loureiro foi cultivada ainda na juventude, e suas cartas nos remontam uma forte rede de sociabilidade entre os dois.

Ainda das vias do poder político, em carta, escritos saídos das gavetas que reportam detalhes preponderantes para a historiografia, nessa correspondência em particular encontramos uma resposta a uma solicitação que o Professor Severino Loureiro teria feito ao então Deputado Ruy Carneiro, que em seus escritos transparece respeito pelo professor e consideração, rememorando a juventude

*Rio de Janeiro, 24 de março de 1937. -*

*Meu caro Severino:*

*Abraços.*

*Tive grande prazer ao receber o seu cartão de 11 do corrente.*

*Sempre que sou procurado por um dos meus colegas daquela época, tenho grande alegria.*

*Gostei muito que V. Dirigir-se diretamente a mim e não por intermédio de terceiros como costumam fazer certos amigos de infância que tenho ahi no Estado.*

*[...] Há dias recebi uma carta do nosso ilustre amigo cônego Delgado, pedindo-me para falar ao Dr. José Américo, no sentido dele amparar a sua nomeação para o cargo proferido no seu cartão. Confesso-lhe que estranhei V. não ter tratado diretamente commigo o assumpto. Afinal o seu cartão chegou.*

*(Deputado Rui Carneiro, correspondência datada do ano de 1937. Acervo do CAD).*

Esse início da correspondência transporta afetos, nos apresenta alegria, respeito, consideração; coleguismo e recordação de infância. O desenvolvimento do documento apresenta outros personagens importantes na cena, demonstra sobretudo o apoio que o Professor Severino tinha tanto no aspecto político, quanto no religioso, uma rede de sociabilidade sólida que ecoa traços de como a política acontecia na época, Correa (2016, p. 270) salienta que “O engajamento e a função social parecem ser critérios definidores das possibilidades do estabelecimento de tipologias dos intelectuais enquanto grupo social”, desse modo, através dos favores entre esses sujeitos eles assumem uma função social, movimentam a cena, perpetuando suas posições sociais e profissionais. Percebemos ainda que os amigos de infância não tratavam o Deputado Rui Carneiro da mesma forma que antes, mas, o professor Loureiro se dirige diretamente a ele, continua:

*[...] Procurei o Dr. José Américo que se promptificou a ajudar-me. Succede, entretanto, que o actual Ministro da Educação, muito político, só atende às solicitações dos governadores dos Estados e o seu amigo Argemiro já indicou um condidato para fiscal do Collegio da Immaculada Conceição.*

*Deante do pedido do governador nada é possível fazer, salvo se o Dr. José Américo resolvesse falar pessoalmente ao Presidente da República o que não acredito, queira ele fazer.*

*Infelizmente você appellou para mim num caso que depende da influencia do governador do Estado. Quero apenas que V. não veja no insucesso da sua pretensão descaso meu. Todos os casos que dependem do Sr. Argemiro, a minha intervenção será profundamente prejudicial. [...] Espero que noutra ocasião tenha eu o prazer de lhe ser útil. Do seu am<sup>o</sup> Ruy (assinatura a punho).*

*(Correspondência do então Deputado Rui Carneiro, datada de 1937, encontrada no Acervo do CAD).*

O representante político paraibano ocupou as cadeiras de deputado, interventor e senador, exercia forte influência política por todo Estado entre os anos de 1935 a 1977. No trecho da carta acima, em seus escritos são confessados desafetos políticos entre ele e o Governador Argemiro de Figueiredo, ambos amigos declarados do Professor Loureiro. Entendemos que esses círculos sociais compostos por intelectuais participaram ativamente das

mudanças educacionais com engajamentos e compromissos com a causa, e dos contextos políticos do mesmo modo:

*[...] aquilo que distingue um do outro é precisamente a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de ideias ou conhecimentos politicamente relevantes, é a diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político. (BOBBIO, 1997, p. 72 apud CORREA, 2016, p.271).*

Uma outra forte aliança na trajetória intelectual e profissional do professor Loureiro é seu vínculo com membros religiosos, como já mencionado. Em correspondência, lemos sua colaboração com D. José, membro da Diocese de Campina Grande, o mesmo padre que o ajudou quando foi exonerado do seu cargo público em 1930 em Princesa Isabel. Em seus escritos está marcada sua gratidão e reconhecimento a D. José, seu amigo de longas datas,

*Caríssimo D. José*

*Hoje estou lhe mandando, um cheque visado pelo Banco do Brasil de onze mil cruzeiros, que resultou da Campanha que fiz para comprar os seus livros. Supôs que fosse pesada esta Nova tarefa como, dizia a carta que a poucos dias escrevi, o êxito foi pleno. O que eu percebi com contentamento muitas fisionomias transparentes porque sentiram-se bem ajudando-o a divulgar a santa doutrina da IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA, que sendo, como é Mistério de Deus, porque sendo como somos pertencendo a esta mesma igreja que é Corpo Místico de Jesus e tem de certo o seu lugar na unidade da humanidade com Deus que é o tema principal do seu trabalho.*

*Receio que fosse pesada tarefa última que me deu, mas tudo que eu faça por D. José é pouco pelo Tudo que me deu na hora “H”, da minha situação de demitido a bem do serviço público embora a demissão fosse ilegal, só um amigo se apresentou, D. José jovem Vigário de 27 anos já não temia qualquer tempestade que os fanáticos de João Pessoa desencadeassem sobre mim. (Professor Severino Loureiro, em carta no ano de 1978- Acervo CAD).*

Primeiro confessa que achava difícil a tarefa que tinha sido confiada a ele, depois, assim como em muitos dos seus discursos e pronunciamentos, se refere a Deus e a Igreja Católica, já fixado como um traço de sua forma de expressão e identidade. Segue falando sobre sua amizade e o motivo de sua gratidão, recordando do apoio que recebeu de D. José, que não temeu as forças políticas em 1930 e o ajudou.

A ação de fazer uma campanha para arrecadar dinheiro em prol da Igreja Católica, em função da compra de livros que ajudassem “a divulgar a santa doutrina” revela traços de um cristão missionário, que devolve a Igreja em ações os diversos investimentos que ela fez na sua formação e na conquista dos seus passos profissionais. E assim, entre políticos e religiosos o jogo das cadeiras aconteceu em virtude das redes construídas e dos favores trocados.

## Considerações Finais



O planejamento e a edificação de uma Campina Grande moderna durante as décadas de 1930 e 1940 dependiam da vivência de novas experiências sociais e urbanas mediadas, em sua maioria, pela escola e pelos/as professores/as que assumiam a incumbência de civilizar a cidade, despertando o amor e a submissão à pátria. Nesse contexto, dois intelectuais assumiram na cidade a missão de produzir ideias que circulavam nos impressos jornalísticos e pedagógicos. Compondo um “*ethos* pedagógico” (VEIGA, 2010) estavam Alfredo Dantas Correia de Goés e Manoel Almeida Barreto, diretor e professor do Instituto Pedagógico. O primeiro ex-tenente do exército, que tomou para si a militância da educação em Campina Grande; o segundo posto como um homem de intelecto nato, mentor de dois dos três periódicos produzidos pela Instituição. Esses homens, distintos em formação, aliaram-se e se fizeram presentes nos projetos de educação que se estruturavam em Campina Grande, auxiliando e motivando o desenvolvimento de uma iniciativa educacional privada na cidade. Alma e essência do Instituto Pedagógico, esses intelectuais pensavam e regiam um “*habitus* pedagógico” (NUNES, 2010) que orientava os demais programas de ensino de outros educandários sediados na cidade, sendo símbolo e referência de um “estado de espírito moderno”.

Ao longo da nossa pesquisa, o arquivo ainda nos apresentou a possibilidade de fazermos um mergulho na vida profissional e intelectual do Professor Severino Loureiro, discussão que norteou o segundo capítulo. Neste intento, nos propomos a pensar a história do educandário e a trajetória do Professor Loureiro, proprietário da instituição durante nosso recorte, exímio intelectual, agente constituinte de várias redes de sociabilidade importantes para o desenvolvimento do CAD e da educação campinense.

Na gaveta do Professor Loureiro, tinha uma pasta com suas correspondências, contratos, promissórias; declarações, organizadas e conservadas, como se ele tivesse se arquivado, datando e guardando cada contato feito durante toda a sua vida dentro daquela sala, sentado naquela cadeira, e essa história tivesse ficado esperando para ser contada.

Seja nas correspondências com seus amigos padres ou com os políticos, uma ajuda mútua coexistia. Mas não podemos passar despercebidos, quanto ao caráter das amizades que foram construídas nestas cenas, amizades por interesse foram formadas e funcionaram como artifício para o melhor desempenho da Gestão de Severino Loureiro e para o crescimento do Colégio Alfredo Dantas.

## Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 26, p. 7-28, jan-jun, 2013b. p. 8-28.
- ANDRADE, Vivian Galdino de. *Alfabetizando os filhos da rainha para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande-PB (1919-1942)*. 302 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2014.
- CARVALHO, C. H.; ARAUJO, J. C. S.; NETO, V. G. Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia - MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S.; JÚNIOR, D. G. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira*. Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. p.66-89.
- CORREA, Rubens Arantes. *Os Intelectuais E A Escrita Da História - As Contribuições Metodológicas De Jean-François Sirinelli*. ESCRITAS Vol. 8 n. 2, 2016.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. vol.1,1993.
- GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque *Memórias Escolares Em Campina Grande (1907-1957)*, 2008.
- JORNAL BRASIL NOVO. Campina Grande, 1931.
- JORNAL COMERCIO DE CAMPINA. Campina Grande, 1932.
- MALATIAN, Teresa (2011). Cartas: Narrador, Registro e Arquivo. In: *O Historiador e suas Fontes*. Carla B. PINSKY e Tania Regina de Luca (org.). São Paulo: Contexto, pp. 195-221.
- OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. et al (2017). “Entre os artistas amigos o momento bom de ternura é o aparecimento de obra nova”: O exercício da crítica literária na correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade (1924-1928). *Revista Maracanan*, v. 0, pp. 88-102. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/download/28475/21176>.
- OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. VIEIRA, Maria Leticia Costa. “Aí vai meu coração para você”: redes de sociabilidades intelectuais modernistas na correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral. *Oficina do historiador*, Porto Alegre, v.14, n.1. 2011.
- PIMENTEL, C. *Mais um mergulho na história de Campina Grande*. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.
- PRADO, Adonia Antunes *Intelectuais e Educação no Estado Novo (1937/1945): o debate sobre a formação do professor primário rural*. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23824/16805>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- REVISTA EVOLUÇÃO. Ano 1, Campina Grande, 1931.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In. *Por uma História Política*. René Remond (org.), trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. *Pensar a Educação em Revista*, Curitiba/Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-21, abr-jun/2015.

